



A FERTILIDADE COMO EIXO DO DIVINO EM UGARIT: O CASO DE BA'LU

João Pedro Vieira
Universidade de Lisboa

RESUMO

O presente artigo avalia sucintamente a importância de Ba'lu na mitologia ugarítica, explorando a dimensão da fertilidade e servindo-se essencialmente dos dados fornecidos pelo Ciclo de Ba'lu. Ba'lu é, acima de tudo, um dispensador de fertilidade e garante da continuidade vital do cosmos e especialmente da humanidade. Nesse sentido, a actuação fertilizadora ou vital do deus garante o equilíbrio das fronteiras entre vida e morte, entre caos e cosmos, assegurando de forma providencial e salvífica a vida e prosperidade da humanidade.

ABSTRACT

The present article briefly assesses the importance of the Ugaritic god Ba'lu in Ugaritic mythology. It explores Ba'lu's fertility dimension primarily using the data offered by the Cycle of Ba'lu. Above all, Ba'lu provides fertility and secures the continuity of the living cosmos, especially mankind. As such, Ba'lu's vital or fertilizing action reassures the equilibrium of the boundaries between life and death, cosmos and chaos, sustaining human life and human prosperity in a providential and salvific way.

O divino constitui indubitavelmente um dos pilares centrais das mundivisões semitas antigas, um eixo conceptual e existencial estruturador que confere à realidade parte essencial da sua ordem, sentido e razoabilidade. A evidente eminência desta temática justifica plenamente, portanto, uma abordagem específica da sua concretização prática na

literatura ugarítica e especificamente numa das suas mais importantes manifestações — o CB*. Aí, Ba'lu assume uma posição axial que se manifesta numa pluralidade de formas, sendo porventura a fertilidade a mais significativa das manifestações desse deus para o universo mitológico e religioso ugarítico.

Reconhecendo a existência de forças numinosas nos mais marcantes e influentes fenómenos da natureza e da existência humana, a religião ugarítica, como todas as culturas do conglomerado civilizacional em que se insere, reifica-as em entidades antropomorfizadas tanto do ponto de vista psicológico como fisionómico e social. São essas entidades, nas quais se projecta uma intenção ou vontade que lhes confere dinamismo psicológico (Saraiva, 2003: 441-442), que explicam o comportamento desses fenómenos, cósmicos e sociais, e assim descrevem o seu funcionamento. As principais figuras da literatura mitológica ugarítica e muito particularmente do CB situam-se, de facto, neste quadro.

O panteão divino envolvido no CB é conspicuamente retratado através de uma óptica funcionalista segundo a qual os atributos explicam e definem a natureza dos deuses, os quais corporizam objectivamente grandes realidades, mais que grandes personagens (Ramos 2000: 203). Esta observação está em total consonância com a orientação global da mitologia ugarítica, que se tende a concentrar sobre o funcionamento do universo em detrimento da questão das suas origens, numa atitude mais ligada à experiência pragmática do ambiente e às questões da procriação e da produção (Ramos, 1997: 34). Conquanto nenhum texto literário ou mitológico ugarítico verse ou se refira explicitamente a um relato das origens, a mitologia acaba por fornecer inevitavelmente um quadro referencial que opera na mundividência de Ugarit na qualidade de sucedâneo das origens. Por isso, em certa medida, é lícito afirmar que a mitologia ugarítica trata da questão das origens *in medias res*.

Ba'lu é simultaneamente o grande protagonista do CB e a mais notória expressão desta perspectiva funcionalista sobre a constelação

* Abreviaturas utilizadas:

CB	<i>Ciclo de Ba'lu</i>
CBDD	<i>O Combate entre Ba'lu e o Deuses do Deserto</i>
Dt.	<i>Deuteronómio</i>
EA	<i>Epopéia de Aqhatu</i>
EK	<i>Epopéia de Kirta</i>
LBY	<i>Luta entre Ba'lu e Yammu</i>
LBM	<i>Luta entre Ba'lu e Môtu</i>
PB	<i>O Palácio de Ba'lu</i>
Sl.	<i>Salmos</i>

mitológica ugarítica. Tamanho protagonismo justifica que o presente exercício de prospecção em torno da temática do divino no CB, e de um modo geral na literatura ugarítica, se concentre sobre Ba'lu e sobre as funções de fertilidade desse deus principal.

Divindade uraniana, Ba'lu concentra um conjunto de funções e atributos bastante diversos, num caso de concreção mitológica que revela quer a importância que lhe era atribuída no sistema religioso ugarítico, quer a associada ocorrência de fenómenos sincréticos com outras divindades uranianas semitas, nomeadamente Addu. O raio (Pidrayu)¹, o trovão e a tempestade, assim como as nuvens, o vento, a chuva, a neve, o orvalho (Ṭallayu) e o brotar das águas (Arṣayu) são manifestações da sua natureza, do seu poder e acção cósmica beneficente e providencial para com a humanidade (PB 1.3 I 22-25, II 38-41, III 26-28, IV 25-27; 1.4 I 16-18, V 6-9, VI 8-11, VII 25-34, 38-41. LBM 1.5 II 7, V 6-8, 10-11. EK 1.16 III 5-8. EA 1.19 I 38-46)². É a partir do seu palácio que Ba'lu exerce essa actividade eminentemente fertilizadora sobre a terra e reprime o ressurgimento das forças caóticas personificadas por Yammu (PB 1.4 VI 12-13).

De facto, plenamente identificado com os atributos e manifestações uranianas de Ba'lu, o palácio representa a solidez da monarquia divina e cósmica, consistindo num espaço e instrumento primacial no exercício das funções de fertilidade intrínsecas à realeza. De notar que a formalização e o pleno exercício da realeza de Ba'lu foram apenas possíveis através da construção e ocupação do palácio. A resistência esboçada relativamente à abertura de um orifício no seu palácio, enfatizando o receio do ressurgimento do caos, mostra também a necessidade de conservar e gerir os elementos que asseguram a fecundação da terra (PB 1.4 VI 8-11). O palácio funciona assim como um microcosmos, um espaço onde se concentra a ordem do universo e onde essa mesma ordem é garantida e emanada: o palácio simboliza a ordem e torna-a concomitantemente possível (Fisher, 1965: 318-320).

Ba'lu integra-se, desta maneira, num tipo divino partilhado pelos diversos sistemas religiosos semitas do longo arco siro-mesopotâmico, mantendo por isso relações de identidade estrutural com divindades desses

¹ Pidrayu, filha de Ba'lu e seu atributo funcional, poderá representar não a luz no seu aspecto pacífico, mas sim o fulgor do relâmpago (PB 1.4 VII 11), inseparável da função de fertilidade intrinsecamente associada a Ba'lu.

² Na utilização de fontes ugaríticas tomou-se por referência a fixação do texto ugarítico e respectiva tradução apresentados em Olmo Lete, 1981: 157-177 (LBY), 179-212 (PB), 213-235 (LBM), 289-323 (EK), 367-401 (EA), 481-486 (CBDD).

sistemas não exclusivas nem necessariamente originadas por fenómenos de assimilação sincrética. Os atributos de Adad e Yahweh, divindades às quais se circunscreverá o seguinte exercício comparativo, partilham com Ba'lu os mesmos atributos cósmicos e a mesma actuação providencial e salvífica em benefício da humanidade.

No epílogo do *Código de Hammurapi* (L 64-80), Adad é intitulado “Senhor da Abundância” e é-lhe atribuído o poder de privar a terra dos transgressores da chuva dos céus e da água dos rios, flagelando-a com a miséria e a fome, ensurdecendo-a com o estrondo dos seus trovões e levando-lhe por fim uma destruição comparável, nas suas proporções, às consequências catastróficas do Dilúvio (Sanmartín, 1999: 154-155). Similarmente, no *Atraḫasīs*, é Adad, por ordem de Enlil, quem retém as chuvas e as águas dos rios e lança um vento abrasador sobre a terra, fustigando a humanidade com a seca e a fome (Bottéro e Kramer, 1993: 543). Diversas outras passagens do relato do Dilúvio, nas edições paleo-babilónica e neo-assíria do *Atraḫasīs*, salientam quer a beneficência, quer a ira destruidora de Adad (Bottéro e Kramer, 1993: 546, 550, 556), devendo acentuar-se que este último aspecto está visivelmente ausente da personalidade divina de Ba'lu, cuja acção para com a humanidade se define exclusivamente pela protecção e beneficência, não pela punição: ou seja, Ba'lu age invariavelmente em favor da humanidade³.

Já a relação com Yahweh situa-se num outro âmbito cronológico, considerando a sua posterioridade relativamente a Ba'lu e o longo período de coexistência entre as duas divindades após a desagregação política de Ugarit. As afinidades entre os dois deuses podem ser apreciadas através de diversas passagens da tradição veterotestamentária e estendem-se para além do domínio dos epítetos. Yahweh é aquele que cavalga os céus (Dt. 33:26), pelas nuvens (Sl. 68:5), delas fazendo o seu carro (Sl. 104:3), o que corresponde coerentemente à imagética uraniana de Ba'lu enquanto "Auriga das Nuvens" (*rkb 'rpt* — e. g. LBY 1.2 IV 8. PB 1.4 III 18, V 60). Mais significativos são os paralelos assentes na imagem da soberania real. À semelhança de Adad e de Ba'lu, Yahweh é figurado na sua dimensão aterradora de senhor dos relâmpagos, do trovão e da tempestade (Sl. 18:8-16). Os relâmpagos de Yahweh são como flechas e colocam os seus inimigos em fuga: em PB 1.4 VII 29-41, Ba'lu infundia terror sobre os seus

³ Ba'lu partilha similaridades estruturais com outras divindades celestes do espaço cultural mesopotâmico, e. g. Enlil, que em *Enlil e Ninlil* 146-149 é retratado com o senhor do céu que faz brotar as plantas, produz a abundância e ergue a tempestade (Bottéro e Kramer 1993: 111).

inimigos através do trovão e do raio, comparado a uma lança de cedro. Já em Sl. 104:1-30, a majestade cósmica e a excelsitude de Yahweh são exaltadas através da obra da criação e da sua acção providencial para com todos os seres, realçando-se a sua ligação efectiva com a fecundidade da terra e a prosperidade: é Yahweh quem faz brotar os rios donde bebem todos os animais (vv. 10-11), quem derrama a chuva sobre as montanhas (v. 13), quem faz germinar a erva que alimenta o gado e faculta ao homem que dela tire o pão, o vinho e o azeite (vv. 14-15).

À imagem de Sl. 104:1-30, a maior parte das manifestações de Ba'lu, eminentemente atmosféricas, estão intrinsecamente relacionadas com a sua função de dispensador da fertilidade, sobretudo na sua vertente agrícola, já que do ponto de vista animal a fecundidade aparenta ser regida por 'Anatu (Day, 1992: 182-185), *alter ego* de Ba'lu e sua principal e incondicional aliada, esposa e irmã. No ritual de magia simpática que Kirta efectua com o objectivo de forçar o regresso das chuvas, o rei oficiante exalta reiteradamente a relação íntima e natural entre a chuva, a fecundidade da terra e a agricultura: a chuva de Ba'lu, “senhor dos sulcos da arada” (LBM 1.6 IV 3-14), é uma delícia para a terra e para a semente do trigo depositada no sulco; é como perfume na aradura e como um diadema sobre o cume do outeiro (EK 1.16 III 5-11). Cabe notar, neste ponto, que as vísceras dos emissários de Yammu que Ba'lu violentamente derrama pelos campos poderão cumprir excepcionalmente a mesma função fertilizadora atribuída à água (LBY 1.2 I 43-44).

Decorrentemente, a ideia de abundância e prosperidade, componente notório do ideal de felicidade e plenitude, está intrinsecamente adstrita ao potencial divino de Ba'lu. Essa ideia não lhe é exclusiva, embora nele se concretize de forma particularmente intensa. Registe-se, por exemplo, a dimensão e capacidade espectaculares do cálice que Ba'lu empunha num dos profusos banquetes divinos que pontuam CB (PB 1.3 I 8-17), assim como a proverbial riqueza e magnificência do seu palácio, para a construção do qual concorrem os mais preciosos e dignos metais (PB 1.4 VI 34-35, 36-38).

Não obstante, a função essencial de Ba'lu é a distribuição da fertilidade, em torno da qual gira toda a sua actividade de conservação, potenciação e renovação das forças vitais do cosmos. É nessa medida que Ba'lu pode ser tomado como expressão personificada da totalidade cósmica, dentro do antagonismo estrutural entre vida e morte implícito no confronto com Môtu. É aliás nesse confronto, por meio da mitologia do combate, que

a função de manutenção da ordem ou equilíbrio cósmico adstrita a Ba'lu mais eloquentemente se revela. Ba'lu é o senhor da vida, razão pela qual a concede como uma dádiva àquele que o alimenta, lhe dá de beber e o celebra cantando (EA 1.17 30-32). Em LBM, após um percurso sinuoso de bravura e sacrifício, Ba'lu consegue superar a própria morte, redefinindo as regras de funcionamento do universo até então assentes e colocando-se assim em condições de dispensar protecção limitada aos homens perante a voracidade e arbitrariedade da morte (Xella, 1991: 102, 119).

Sendo imputado a Ba'lu o controlo da água fertilizadora nas suas diversas formas, rapidamente as suas manifestações atmosféricas adquirem uma dimensão providencial e salvífica principalmente concretizada em prol da humanidade. O seu reinado tem por propósito saciar os deuses e os homens, distribuindo universalmente a abundância e a prosperidade (PB 1.4 VII 49-52). A própria existência da sociedade dos deuses e dos homens, ameaçada pela actividade hostil de um conjunto de forças caóticas encimadas por Môtu e Yammu, depende da actividade benéfica de Ba'lu (LBM 1.5 VI 23-25; 1.6 I 6-9). O desaparecimento de Ba'lu repercute-se directa e severamente nos ciclos naturais e na existência humana: no confronto contra Môtu, a catábase de Ba'lu coincide com o final das colheitas e o início da época estival, inaugurando uma época de esterilidade que se repercute no desfalecimento da humanidade, esvaziada do seu alento (LBM 1.5 II 3-6; 1.6 II 17-19).

São variadas as sequências textuais em que se apreciam as repercussões nefastas do desaparecimento de Ba'lu e da falência das suas funções cósmicas, nelas se descrevendo a grande consequência natural dessa situação de desequilíbrio: a seca. Assim, a derrota de Ba'lu às mãos das ferozes divindades do deserto transforma a terra numa extensão ressequida e seca os ribeiros dos campos que Ilu engrossara (CBDD 1.12 II 40-45). Do mesmo modo, a realeza sucedânea de Šapšu ressequira os campos, não cumprindo a função de fertilidade intrínseca ao desempenho da realeza divina e humana (LBM 1.6 IV 1-5). Por fim, registre-se a escassez e a tremenda seca que os rituais de magia simpatética respectivamente executados por Kirta e Danilu não foram capazes de solucionar, incapazes de suscitar a manifestação providencial dos atributos de Ba'lu (EK 1.16 III 1-16. EA 1.19 I 38-46).

Em suma, é necessário enfatizar a profunda relação entre Ba'lu, a realeza e a fertilidade. De facto, Ba'lu assume uma dupla realeza em que os aspectos cósmicos e políticos estão densamente imbricados e funciona,

desse modo, como arquétipo celeste da monarquia terrestre, um cuidador universal. No entanto, mais que pela esfera do poder, da realeza enquanto manifestação de força e poder, é pela esfera da fertilidade que os atributos divinos desta figura mitológica central se tornam mais influentes e significantes para a estrutura do cosmos e para a humanidade, ao garantir as próprias condições ambientais indispensáveis à existência humana tal como a sociedade ugarítica a conhecia. É aí que aparenta residir o verdadeiro núcleo mitológico de Ba'lu.

BIBLIOGRAFIA

- Bottéro, Jean; Kramer, Samuel Noah
1993. *Lorsque les dieux faisaient l'homme. Mythologie mésopotamienne*. Paris: Gallimard.
- Day, Peggy L.
1992. "Anat: Ugarit 'Mistress of Animals'". *Journal of Near Eastern Studies* 51.3, 181-190.
- Eliade, Mircea
2004. *Tratado de História das Religiões*. 5ª Ed. Lisboa: Edições Asa.
- Fisher, Loren R.
1965. "Creation at Ugarit and in the Old Testament". *Vetus Testamentum* 15.3, 313-324.
- Olmo Lete, Gregorio del
1981. *Mitos y leyendas de Canaan. Según la tradición de Ugarit*, Madrid: Ediciones Cristiandad.
- Ramos, José Augusto
1997. "Ugarit: mitologia para a cidade". *Anais III-IV*, 25-38.
2000. "Baal, o que é um deus?". *Cadmo* 10, 196-223.
- Sanmartín, Joaquín (ed. e trad.)
1999. *Códigos legales de tradición babilónica*. Barcelona: Editorial Trotta: Edicions de la Universitat de Barcelona.
- Saraiva, Rodrigo de Sá-Nogueira
2003. *Mundos animais, universos humanos. Análise comparada da representação do ambiente*. Lisboa: FCG-FCT.
- Xella, Paolo

1991. "*Imago mortis* en la Siria Antigua". In: Paolo Xella (dir.), *Arqueología del Infierno. El más allá en el mundo antiguo Próximo-Oriental y Clásico*. Sabadell: Editorial AUSA, 99-124.